

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

SHIRLEI MARIA DOS SANTOS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão integrativa**

Juazeiro do Norte-CE
2024

SHIRLEI MARIA DOS SANTOS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão integrativa**

Monografia apresentada à coordenação do
Curso de Bacharelado em enfermagem do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio
(UNILEÃO), em cumprimento às
exigências para a obtenção do grau de
bacharelado em Enfermagem

Orientador: Prof. Ma. Ana Érica de
Oliveira Brito Siqueira

Juazeiro do Norte-CE
2024

SHIRLEI MARIA DOS SANTOS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão integrativa**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Bacharelado em enfermagem do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharelado em Enfermagem

Orientador: Prof. Ma. Ana Érica de Oliveira Brito Siqueira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Ana Érica de Oliveira Brito Siqueira
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

Prof. Esp. Allya Mabel Dias Viana
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

Prof. Dra. Marlene Menezes de Souza Teixeira
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

Dedico este trabalho a Deus,
minha filha, meus sobrinhos e
toda minha família. Obrigada
pelo apoio incondicional.
Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a vida e me ama incondicionalmente, por me manter firme nos meus propósitos e perseverante no meu sonho, além de me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos e desafios encontrados e vencidos ao longo do tempo.

Agradeço imensamente a minha mãe Maria do Carmo dos Santos por todo apoio e incentivo. Aos meus irmãos: Leilane Maria dos Santos, Leidijane Maria dos Santos e Hildomar Antônio dos Santos. A minha filha Samaya Thafilly dos Santos Barboza meu muito obrigada pela força e incentivo, e desculpas a minha ausência em alguns momentos durante essa caminhada, ao meu companheiro de vida José Josieldo Pereira Ferreira, meus amores, sem vocês isso não seria possível.

Quero aqui deixar meu imenso agradecimento as pessoas que me ofereceram suporte e concretização desse sonho, pessoas essas que tive o prazer de conhecer e estabelecer laços de amizade. Gratidão a Thaís Soares e Kaliane Amaro, amo vocês! Meu agradecimento também a Dr. Georgia de Oliveira, Francisco Lucena e a todos do hospital IMTAVI que torceram por minha conquista. Obrigada por tudo, pelo incentivo, ajuda e disponibilidade de me ouvir sempre que precisei.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores da enfermagem que sempre estiveram prontamente para me ajudar e pelos ensinamentos repassados durante este longo período. A todos os colaboradores do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio lugar onde privilegia o conhecimento e liberdade de expressão. Finalizo com certeza de que o futuro dependerá só daquilo que tenho construído no presente.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido popularmente como autismo, trata-se de um transtorno complexo do neurodesenvolvimento, de caráter etiológico múltiplos. Caracterizado por desenvolvimento atípico, déficits e desvio na comunicação, comportamentos restritos e repetitivos com diferentes níveis de gravidade, gerando prejuízos no relacionamento e interação social do indivíduo. A pesquisa tem como objetivo geral analisar a assistência prestada pela equipe de enfermagem às crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, através do levantamento bibliográfico nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Banco de dados de enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), todas por meio do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), com o operador booleano “Assistência de Enfermagem”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Criança”, “Família equivalente aos anos de 2018 a 2023”, no qual foram encontrados 342 artigos, destes apenas 08 foram selecionados para a construção do estudo. A análise deu criteriosamente após leitura minuciosa do material e posteriormente organizado em quadro, emergindo assim duas categorias temáticas: assistência de enfermagem a criança autista e seus familiares; e enfermagem frente à detecção e diagnóstico da criança com TEA. Podendo assim constatar que a assistência do enfermeiro a criança autista e seus familiares além de ser essencial, é também considerada como um dos alicerces para o início do tratamento, pois este profissional tem o papel socializador contribuindo para a aceitação e compreensão da criança em seus diferentes espaços, além de orientar e apoiar a família. Diante dos estudos percebe-se também que é imprescindível o aprimoramento dos conhecimentos e especialização do profissional, para assim fornecerem uma assistência de qualidade e humanizada para a criança autista, familiares e comunidade.

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem. Transtorno do Espectro Autista. Criança. Família.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD), also popularly known as autism, is a complex neurodevelopmental disorder, of multiple etiological character. Characterized by atypical development, deficits and deviation in communication, restricted and repetitive behaviors with different levels of severity, generating impairments in the individual's relationship and social interaction. The general objective of the research is to analyze the care provided by the nursing team to children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD). This is an integrative literature review, through a bibliographic survey in the Virtual Health Library (VHL), Nursing Database (BDENF), Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS) databases, all through the crossing of the Health Sciences Descriptors (DECS), with the Boolean operator "Nursing Care", "Autism Spectrum Disorder", "Child", "Family equivalent to the years 2018 to 2023, in which 342 articles were found, of which only 08 were selected for the construction of the study. The analysis was carefully analyzed after a thorough reading of the material and later organized into a chart, thus emerging two thematic categories: nursing care for autistic children and their families; and nursing in the face of the detection and diagnosis of children with ASD. Thus, it can be seen that the nurse's assistance to the autistic child and their families, in addition to being essential, is also considered as one of the foundations for the beginning of treatment, as this professional has the socializing role, contributing to the acceptance and understanding of the child in their different spaces, in addition to guiding and supporting the family. In view of the studies, it is also perceived that it is essential to improve the knowledge and specialization of the professional, in order to provide quality and humanized care for the autistic child, family members and community.

Keywords: Nursing Care. Autism Spectrum Disorder. Child. Family.

LISTA DE FIGURA E QUADROS

Quadro 1. Estratégia de busca dos artigos por meio do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde nas bases de dados. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2024	29
Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos de acordo com o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2024.....	30
Quadro 2- Síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2024.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Análise de Comportamento Aplicada
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APAE	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
BDENF	Banco de dados de enfermagem
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAPSi	Centro de Atenção Psicossocial Infantil
CE	Ceará
CDC	<i>Center for Disease Control and Prevotion</i>
CIPTEA	Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DECS	Descritores em Ciências da Saúde
Dr.	Doutor
DSM-V	Manual de Diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais
Enfa	Enfermeira
Esp	Especialista
et al	E outros
HRSA	Health Resources & Services Administration
IBGE	Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estatísticas
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
Ma.	Mestra
M-CHAT	Questionário Modificado para a Triagem do Autismo em Crianças
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PBE	Prática Baseada em Evidências
PECS	Sistemas de Comunicação por Trocas de Imagens
Profa	Professora
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SAI	Sistema de Informações Ambulatoriais
TCC1	Trabalho de Conclusão de Curso
TDAH	Tanstorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TEACCH	Tratamento e Educação de Crianças Autista e com Deficiência de Comunicação
TID	Transtornos Invasivos do Desenvolvimento
UNILEÃO	Centro Universitário Dr. Leão Sampaio
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3 REVISÃO DA LITERATURA	13
3.1 ASPECTOS GERAIS DO TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA)	13
3.1.1 Epidemiologia	15
3.1.2 Diagnóstico e tratamento	16
3.2 POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS PARA O AUTISMO	20
3.3 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA COM AUTISMO	24
4 METODOLOGIA	28
4.1 TIPO DE ESTUDO	28
4.2 IDENTIFICAÇÃO DA QUESTÃO NORTEADORA	28
4.3 PROCEDIMENTOS PARA A BUSCA E SELEÇÃO DE ARTIGOS	29
4.4 PERÍODO DA COLETA	29
4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	30
4.6 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	30
4.7 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	31
4.8 ASPECTOS LEGAIS DA PESQUISA	32
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA AUTISTA E SUA FAMÍLIA	36
5.2 ENFERMAGEM FRENTE À DETECÇÃO E DIAGNÓSTICO DA CRIANÇA COM TEA	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou autismo, trata-se de um transtorno complexo do desenvolvimento e do comportamento, tendo etiologias múltiplas, combinando fatores genéticos e ambientais. Caracterizado por desenvolvimento atípico, déficits e desvio na comunicação, alterações nos padrões de comportamentos, podendo estes serem restritos e repetitivos com diferentes níveis de gravidade, gerando prejuízos no relacionamento e interação social deste indivíduo, sendo necessário atentar para as manifestações cognitivas, sociais, emocionais e psicológicas, tendo seu diagnóstico em torno de 2 a 3 anos de idade (Steffen et al., 2020).

De acordo com Lima et al (2022) o número de casos de autismo mundialmente é cerca de 10/ 10.000 crianças, sendo mais frequente no sexo masculino, quando comparado ao sexo feminino. No Brasil, de acordo com dados do Sistema de Informações Ambulatoriais (SIA), no ano de 2021, dos 9,6 milhões de atendimentos ambulatoriais realizado em todo território nacional a pessoa autista, cerca de 4,1 milhões corresponde ao público infantil com até 9 anos de idade.

No Brasil, em 2012 foi implementada a Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista, e recentemente foi criada a Caderneta da Criança a inclusão do Questionário Modificado para a Triagem do Autismo em Crianças (M-CHAT-R/A) e a escala de M-CHAT-R, as quais são usadas para triagem dos indivíduos com TEA, a fim de facilitar o reconhecimento precoce dos sinais para os profissionais de saúde, assim garantindo uma assistência de qualidade e qualificada (Araújo; Júnior; Sousa, 2022).

Os critérios de diagnósticos consistem na análise clínica do paciente, nos quais dois critérios são utilizados de acordo com o Manual de Diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) sendo eles: déficits persistentes na interação social e na comunicação; e padrões repetitivos e restritos de comportamentos e atividades. Sabe-se que o diagnóstico em crianças é complexo, entretanto se faz necessário, para a implementação de intervenção precoce para que haja melhora no prognóstico (Costa et al., 2021).

A intervenção precoce é o tratamento mais adequado e indicado para o TEA, a qual deve ser iniciada logo após suspeita ou diagnóstico, contando assim com uma equipe multidisciplinar realizado entre os profissionais de diferentes áreas, desde o

psicólogo, pediatra, enfermeiros, fonoaudiólogos, educadores físicos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos e demais profissionais, os quais venham a contribuir para a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento dessas crianças (Almeida; Neves, 2020).

Diante deste contexto e pelo que se tem percebido segundo indicadores um aumento considerável dos casos de autismo na infância, bem como uma maior adesão as práticas realizadas pelos diferentes profissionais da área da saúde e educação. Questiona se portanto: quais os tipos de assistência de enfermagem prestada a criança com autismo e como a equipe de enfermagem desenvolve essas atividades?

A escolha do tema pela pesquisadora se deu principalmente pela experiência pessoal, pelo fato de um ente querido ter sido diagnosticado com TEA, e assim vindo a modificar suas percepções acerca do assunto e ter incentivado a mesma para a busca de novos saberes e como lidar com a nova situação.

A abordagem é relevante, para inspirar demais pesquisadores a aprimorar seus conhecimentos acerca da temática, assim também como evidenciar a importância da atuação multiprofissional, principalmente da enfermagem, o qual pode contribuir com o desenvolvimento cognitivo-comportamental e social desta criança.

Pretende-se com este estudo provocar a reflexão sobre a temática da assistência prestada pelos enfermeiros a crianças autista e seus familiares, contribuindo para o estudo através de um aprofundamento e disseminação do referido tema nos meios acadêmico, profissionais e na sociedade, além de impulsionar todas as reflexões quanto a importância dos direitos das crianças autistas e a sua inserção na sociedade sem discriminação, oportunizando espaços inclusivos.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a assistência prestadas pela equipe de enfermagem às crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a assistência de enfermagem voltada para a criança autista.
- Verificar qual o papel do enfermeiro frente ao diagnóstico de TEA em crianças
- Averiguar a assistência de enfermagem prestada aos familiares da criança com TEA.

3 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

3.1 ASPECTOS GERAIS DO TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, com repetitivos padrões de comportamentos e estereotipados, restrição de interesses e atividades, reclusão a manifestações cognitivas, sociais, emocionais, psicológicas e bioquímicas. Tem etiologia multifatorial (Martins; Santos; Lima, 2022).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou autismo como é conhecido desde o lançamento do Manual Diagnóstico e Estatístico e Transtornos Mentais (DSM- V) da Associação Americana de Psiquiatria, possui início precoce com uma grande variedade tanto na intensificação como na apresentação da sintomatologia, que podem comprometer o desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua vida, visto que não há cura (Steffen et al., 2020).

De acordo com Anjos e Morais (2021) o autismo foi descrito pela primeira vez em 1906 por Plouller, após análise dos comportamentos apresentados por crianças diagnosticada com demência. Em 1911 o psiquiatra suíço Eugen Bleuler, definiu o termo autismo como a perda de contato com a realidade, ocasionando inúmeros prejuízos e dificuldades tanto na comunicação como na interação social de alguns indivíduos que eram excluídos da sociedade.

Em 1943, Leo Kanner psiquiatra austríaco após observação de 11 casos de crianças acompanhado pelo hospital John Hopkins nos Estados Unidos, publicou a obra intitulada de “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, a qual descreve os comportamentos autista, principalmente nas crianças que tinham entre os dois ao oito anos de idade, as quais apresentavam sinais de solidão, comportamentos incomuns, não socialização, resistência em relação a alguns ambientes e atividades, dificuldade e inexistência da fala e movimentos repetitivos (Anjos; Morais, 2021).

Segundo Brites (2019) após estudos de Kanner entre os anos 50 e 60 foram realizados estudos mais aprofundados sobre a temática pois pouquíssimo se conhecia do transtorno. Inicialmente relacionava o aparecimento dos sinais de autismo com as relações conflitantes entre pais e filhos, por isso considerava que o transtorno

atualmente conhecido, advinha de problemas desencadeado das relações afetivas entre mãe/pai e filho que comprometiam o contato social.

A história do autismo nos manuais psiquiátricos se inicia no ano de 1952, com a publicação do primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-I, o qual considerava que o transtorno autista, pertencia ao quadro da esquizofrenia em crianças, devido algumas manifestações, esta conceituação se estendeu até a segunda publicação em 1968. Já na terceira publicação em 1980, o autismo infantil foi classificado como uma subcategoria da classe diagnóstica de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Somente a partir de 1994 foi publicado o DSM-IV, onde ocorreu a coerência entre o autismo infantil e o TID (Almeida; Neves, 2020).

Até a definição atual do termo autismo, este sofreu grandes mudanças históricas em relação a sua nomenclatura nos manuais que embasam principalmente o seu diagnóstico. Durante 65 anos, o autismo transformou-se de sintoma das psicoses infantis em Transtorno do Espectro Autista (TEA), englobando mais três transtornos, dentre eles: o Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento Sem Outra Especificação (Freire; Nogueira, 2023).

Estudos têm evidenciado causas multifatoriais relacionadas ao TEA, entretanto não se pode confirmar, dentre estas possíveis causas está a percepção genética, fatores ambientais, idade avançada dos pais, complicações na gravidez e no nascimento. O paciente diagnosticado com TEA geralmente tende apresentar sintomas no início de sua infância, em torno dos três anos de idade, como a dificuldade em comunicar-se, gestos repetitivos e inaceitabilidade de mudança da rotina (Silva; Santos; Naka, 2021).

O TEA não refere somente ao atraso ou interrupção do processo normal de aprendizagem de indivíduo, mas as manifestações clínicas de um processo atípico que prejudica o desenvolvimento social e psíquico, podendo essa criança apresentar sinais no início e ir acentuando com o passar do tempo, tornando-se severo (Anjos; Moraes, 2019).

De acordo com observações e estudos do *Center for Disease Control and Prevention* (CDC) o espectro autista pode acometer todas as etnias, raças, idade e classes econômicas. Entretanto há relatos que nos Estados Unidos da América, cerca de uma criança a cada 54 apresenta sinais característicos do TEA, sendo mais

prevalente quatro vezes maior em meninos do que em meninas na faixa etária dos 8 anos de idade, contudo apesar de prevalente no sexo masculino, o déficit cognitivo severo e acentuado corresponde aos casos femininos (Ferreira et al., 2020).

3.1.1 Epidemiologia

Mundialmente foi publicado estudo sobre a prevalência do autismo, com dados coletados entre 2012 e 2021, os quais detectaram que a cada 100 pessoas um era diagnosticada com autismo, principalmente crianças. Esse estudo impulsionou e é usado como uma das fontes de informação pela própria World Health Organization (WHO). Embora seja válida a informação, verifica-se que não há dados de diversos países, comprometendo a qualidade da informação repassada, ou seja, os números podem chegar a serem maiores (Zeidan et al., 2022).

Os Estados Unidos da América estão mais adiantados no reconhecimento da manifestação do TEA. Em 2018, a Health Resources & Services Administration (HRSA), agência do departamento de saúde detectou em seus estudos a prevalência de 2,50% (1: 40) de autistas entre crianças e adolescentes de 3 a 17 anos de idade. No ano de 2019 foram divulgados resultados de pesquisa com dados levantados entre 2014 e 2016 em que a prevalência se encontra em 2,47% (1: 40) crianças e adolescentes estadunidenses. Já em 2021, o país divulgou os estudos com dados compilados em 11 diferentes estados indicando a prevalência média de 2,30% em crianças de 8 anos de idade. Recentemente em 2022, foi apresentada uma atualização dos dados estimativos, baseado em um levantamento realizado entre 2019 e 2020, em que concluíram que a prevalência do autismo entre crianças e adolescentes era, na realidade, de 3,14% (1 caso a 32 crianças) (Freire; Nogueira, 2023).

No Brasil, até o momento, não existem estimativas confiáveis sobre o percentual de autismo, devido a não inclusão de perguntas relacionadas ao autismo no censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estatísticas (IBGE), porém em 2019, foi promulgada a Lei nº 13.861/ 2019, que determina a inclusão destes nas pesquisas, e assim estimar quantas pessoas com autismo há na população brasileira. Embora tenha iniciado o censo apenas meados de 2022, pois o de 2020 não aconteceu devido a pandemia e em 2021 por falta de recursos federais, apenas uma pequena parcela da população, ou seja, 11% do total incluiria tais questionamentos,

embora até o presente momento o IBGE ainda não oficializou os dados coletados (Freire; Nogueira, 2023).

Dada essa escassez de informações, no Brasil utiliza-se as informações do escritório regional da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e Organização das Nações Unidas (ONU), os quais constam a prevalência de 1 caso de autismo para cada 160 crianças, já os dados disponibilizados no site da Organização Mundial da Saúde (OMS), faz a menção de que a cada uma criança dentre 100 é diagnosticada com TEA (Ribeiro, 2022).

De acordo com Correia, Alves e Ferreira (2023) as políticas públicas devem ser baseadas de acordo com a necessidade de sua população, onde é imprescindível que os dados sejam os mais precisos possíveis. Sendo assim, é considerada a estimativa da população brasileira em 2022 que era em torno de 207.750.291 de habitantes diante dos estudos de prevalência do autismo anteriormente considera as estimativas de que o número máximo de pessoas com autismo atualmente seja de 6.492.197, e o mínimo a 1.298.439 de pessoas.

Segundo Ribeiro (2022) com a mudança do DSM-IV para o DSM-V, houve a possibilidade de subnotificação dos casos com os critérios adotados pelo DSM-5. Algumas pesquisas apontaram que ocorreu uma diminuição de 47,79% de crianças com diagnóstico de TEA em comparação com as do DSM-IV, devido aos novos critérios de diagnósticos. Estudos epidemiológicos indicam que o TEA é mais comum entre homens do que entre as mulheres, fato este justificados pelos fatores socioculturais na aplicação dos critérios de diagnóstico; assim como maior resiliência e fatores de proteção em meninas, diminuindo a necessidade de serviços clínicos; ou também pela necessidade de revisão instrumentais utilizados para identificar sintomas específicos que não esteja relacionado com o TEA.

3.1.2 Diagnóstico e tratamento

O TEA possui um diagnóstico complexo e de difícil conclusão, podendo ser realizado por meio de observação clínica e comportamental por meio de investigação. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) é um recurso imprescindível para o diagnóstico e a classificação de transtornos mentais, seja na prática clínica e para pesquisa na área de saúde mental. Neste manual estão inseridas as informações pertinentes a cada tipo de transtorno psíquico e mental, tais como a

condução e a classificação destes, facilitando assim a consignação de diagnósticos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

O TEA é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, incluindo déficits na reciprocidade social, comportamentos comunicativos não verbais que geralmente são usados para interagir socialmente. Por isso o diagnóstico requer a presença de padrões comportamentais, interesses ou atividades restritas e repetitivas. Os sintomas tendem a modificarem com o desenvolvimento podendo assim ser mascarado por mecanismo compensatórios vindo a dificultar o diagnóstico em tempo hábil (Ferreira et al., 2020).

Para Martins, Furtado e Blank (2021) o indivíduo diagnosticado com TEA geralmente apresenta transtorno do desenvolvimento intelectual (deficiência intelectual), Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e de aprendizagem. Os transtornos do neurodesenvolvimento também ocorrem frequentemente com outros transtornos mentais e comportamentais logo no início da infância.

Os critérios de diagnóstico para o TEA é baseado na apresentação de déficits persistentes na comunicação e interação social; caracterizado pela falta de reciprocidade socioemocional; déficits em comportamentos comunicativos; déficits no desenvolvimento, manutenção e compreensão de relacionamentos, como a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos; padrões restritos e repetitivos, como a insistência na mesmice, adesão inflexível a novas rotinas; os sintomas devem estar presentes no período inicial do desenvolvimento; e sintomas que causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

O DSM-V-TR declara que as características do TEA estão associado também a déficits motores, tendo como manifestações: marcha atípica (andar na ponta dos pés), tônus muscular, manifestando-se como hipotonia e movimentos estereotipados de ações motoras (bater palmas, girar objetos circulares, balançar o corpo e bater-se), essas ações podem afetar de forma negativa as tarefas sociais e o desenvolvimento motor, por não conseguir explorar o ambiente corretamente, promovendo prejuízos no desenvolvimento do equilíbrio estático e dinâmico, da lateralidade e coordenação (Ferreira et al, 2020).

Segundo Bianchi e Abrão (2023). o manual de diagnóstico estabelece que a ocorrência sintomatológica do TEA surja antes dos três anos de idade, sendo este um

dos critérios patológicos. Entretanto o reconhecimento destes sinais antes dos 36 meses, mais notadamente aos 18 meses já é abordada na literatura científica como uma probabilidade aceitável

O TEA é classificado por nível de severidade, os quais poderá necessitar de suporte tanto para comunicação social, quanto referente aos comportamentos restritivos e repetitivos. Estes níveis consiste em: o nível 1, compreende as pessoas com autismo que exige e requer suporte, entretanto são autônomas em atividade diárias, conseguem alcançar uma certa independência; o nível 2, requer suporte substancial, ou seja, precisam de mais apoio que as de nível 1, apresentam dificuldades na comunicação; comportamentos repetitivos aparecem com mais frequências, e apresentam sofrimento mediante mudanças de atividades; e o nível 3 pessoas apresentam as dificuldades mais acentuadas comparadas ao nível 1 e 2, exigindo apoio mais incisivo, apresenta déficits mais graves na comunicação (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023).

Atualmente evidencia-se, que o grau de desempenho de um indivíduo com TEA pode modificar extremamente com o tratamento terapêutico apropriado, especialmente com assistência antes dos três anos de idade, podendo aprimorar ajustamentos de condutas, desempenho social e comunicação. Essas práticas comportamentais acarretam consequências positivas a qual delinea uma melhoria em nível funcional a pessoa com TEA (Bianchi; Abrão, 2023).

Por se tratar de um transtorno muito complexo, de modo que pode haver diagnósticos médicos abarcando em diferentes quadros comportamentais, se faz necessário melhorias em relação ao diagnóstico do TEA, que deve ocorrer o mais precocemente possível para que as intervenções também ocorram nessa proporção. Não há exames laboratoriais específicos para determinação prévia do transtorno, por isso, as suspeitas e os primeiros sinais devem e são evidenciadas, primeiramente, pela família e por pessoas do convívio (Carneiro et al., 2022).

Sabe-se que o número de crianças diagnosticadas com TEA cresce gradativamente a cada ano, entretanto quanto mais rápido e precoce o diagnóstico, maiores chances desta criança receber devidamente intervenções terapêuticas. Geralmente os genitores são os primeiros a perceber os sintomas, e muitos destes expressam emoções negativas em relação ao diagnóstico, e não aceitam, prejudicando ainda mais para a procura de terapias (Bianchi; Abrão, 2023).

Assim que uma criança é diagnosticada com autismo, é imprescindível que esta seja encaminhada o mais rápido para intervenções terapêuticas eficazes, a fim de promover os progressos do tratamento e interação social. Portanto se faz necessário investigar ferramentas e métodos para promover intervenções, sendo estas comprovadamente efetivas e que possibilitem os profissionais, as famílias e/ou cuidadores a interagirem com o modelo a ser aplicado, em todos os ambientes que a criança está inserida (Brites, 2019).

De acordo com Vieira (2019) a intervenção precoce é essencial para pacientes com TEA, devendo ser iniciada quando há grandes suspeitas do quadro ou logo se comprove o diagnóstico. A partir daí, dependendo das características apresentada por cada paciente, é selecionado o melhor tipo de intervenção isolada ou conjunta. Pois a intervenção precoce auxilia tanto os pacientes com TEA como seus familiares, no processo de superação das dificuldades.

Muitos familiares que convivem com a criança diagnosticada com TEA, utilizam os meios de comunicação e plataformas digitais para transmitirem suas experiências e assim, ajudarem novas famílias, dando “voz” a milhares de pessoas e indivíduos que se encontram na mesma situação, melhorando deste modo a interpretação interpessoal destes familiares e auxiliando como uma rede de apoio (Caldas et al., 2023).

A assistência do profissional de saúde qualificada prestada ao autista e seus familiares, inicia não somente pelas práticas dos procedimentos aplicados, mas pela escuta qualificada e comunicação adequada, podendo ser de aspecto verbal e não-verbal, mantendo um vínculo entre profissional, criança e familiares e/ou cuidadores, colaborando positivamente para o progresso das intervenções (Gomes; Silva; Moura, 2019).

Alguns profissionais são essenciais para o acompanhamento da criança autista, uma equipe multiprofissional composta por médicos, enfermeiros, psicólogo, terapeutas, neuropsicólogo, pedagogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e acompanhante terapêutico, possibilitam melhoras nos casos de autismo, assim como o desenvolvimento e aplicação das diversificadas intervenções terapêuticas (Bonfim et al., 2023).

As crianças diagnosticadas como autistas manifestam, frequentemente, dificuldade no relacionamento social e interpessoal. Em consequência, são necessários cuidados específicos e métodos ou chamadas terapias, que podem

minimizar alguns efeitos ou comportamentos mais severos desses indivíduos e que também podem ser aplicados de acordo com o tipo de transtorno dos mesmos, como por exemplo: a adaptação da criança na educação e em seu desenvolvimento social, integralmente, como o ingresso na escola (Anjos; Morais, 2021).

Para Viana et al (2020) os três métodos importantes no cuidado a criança com TEA consiste em: Sistemas de Comunicação por Trocas de Imagens (PECS); Tratamento e Educação de Crianças Autista e com Deficiência de Comunicação (TEACCH) e o Análise de Comportamento Aplicada (ABA). Sendo o primeiro, um método simples e de fácil acesso, o qual possibilita a utilização de imagens para o estabelecimento funcional entre profissional e criança; a técnica TEACCH, busca a compensação dos déficits comunicativos por meio do melhoramento na utilização da linguagem, a qual é avaliada e determinada os pontos fortes e de maior interesse, além das dificuldades, para que possa ser criado um programa terapêutico individualizado; o método ABA baseia-se na observação comportamental do paciente que através de estratégias proporcionem ao autista, melhorias no processo social, tanto no âmbito escolar como em outras situações rotineiras.

A intervenção comportamental tem como objetivo melhorar a qualidade de vida da criança autista, tendo este conhecimento, o processo de generalização de habilidades, que consiste na ocorrência dos comportamentos relevantes em todos os contextos vivenciados pela mesma, se torna um componente relevante para o terapeuta e a todos os envolvidos no processo de intervenções com TEA (Carvalho, 2019).

Além dessas, outras terapias, são consideradas componentes para os tratamentos psicoterapêuticos como a psicologia comportamental, fonoaudiologia, terapia ocupacional, musicoterapia que auxilia na comunicação social e a conectividade funcional do cérebro e a equoterapia que tange às melhorias sociais e comportamentais dos pacientes autista, melhorando o contato visual, apontamento e fala. Essas alternativas são de extrema valia, auxiliando no relaxamento e, culminando em melhor qualidade de vida e convívio social (Viana et al., 2020).

3.2 POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS PARA O AUTISMO

O TEA é uma abordagem múltiplas com infinitas possibilidades e desafios. As principais dificuldades enfrentadas pelos indivíduos autistas e suas famílias, são os

preconceitos e discriminação. Pelo fato de o autismo não causar mudanças físicas as famílias sofrem com a dificuldade de ter os seus direitos assegurados. Apesar de haver uma grande evolução no conhecimento da sociedade sobre o autismo em relação a séculos passados, ainda assim há exclusão desse indivíduo, acarretando com isso inúmeras desvantagens sociais (Guimarães; Cabral, 2021).

No Brasil, por diferentes motivos, as iniciativas governamentais, direcionadas especialmente ao acolhimento das pessoas com diagnóstico de TEA foram desenvolvidas de maneira tardia. Até o início do século XXI as crianças e adolescentes com deficiência mental recebiam atendimento apenas em instituições filantrópicas, como a Associação Pestalozzi e a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), ou em instituições não governamentais (Pimenta, 2019).

A construção mesmo que tardia das políticas públicas brasileira para o autismo foram marcadas por movimentos e pedidos expressos dos trabalhadores e gestores do campo da Atenção Psicossocial, além de partidários da Reforma Psiquiátrica, integrantes das ações ligadas à política pública de saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS) e as associações de pais e familiares de autistas, os quais começaram a construir suas próprias estratégias assistenciais para os filhos, em um período marcado pela lacuna de recursos públicos destinados ao atendimento dessa clientela (Souza et al., 2019).

No ano de 2012 foi implementada a Lei 12.764 intitulada de Berenice Piana, a qual prevê uma série direitos, medidas de proteção, que vão além de tratamento, qualificação e reabilitação das pessoas com transtorno do espectro autista, por meio de uma política nacional. No artigo 3º da lei descreve os direitos da pessoa com transtorno do espectro autista, tais como:

- I - A vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;
- II - A proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;
- III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:
 - a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
 - b) o atendimento multiprofissional;
 - c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;
 - d) os medicamentos;
 - e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;
- IV - O acesso:
 - a) à educação e ao ensino profissionalizante;
 - b) à moradia, inclusive à residência protegida;
 - c) ao mercado de trabalho;
 - d) à previdência social e à assistência social” (BRASIL, 2012a).

A Lei Berenice Piana (12.764/12) além de determinar vários direitos aos autistas, ela também estipula que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais, pois assim permitiu abrigar as pessoas com TEA nas leis específicas de pessoas com deficiência, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência (13.146/15), bem como em alguns artigos que protege as pessoas maiores de 60 anos pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003) em relação a vaga prioritária, assim como nas normas internacionais assinadas pelo Brasil, como a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (6.949/2000) (Souza, 2019).

Atualmente por meio da Lei 12.764, o ordenamento jurídico brasileiro assegura meios para garantir os direitos fundamentais inerentes aos autistas, como: atendimento multidisciplinar, garantindo assim ao portador de TEA acompanhamento gratuito e especializado dos profissionais da saúde de várias áreas, os quais desenvolverão conjunto de terapias para que visem a melhoria da vida do paciente; além do fornecimento gratuito de todos os medicamentos necessários para os tratamentos prescritos pela equipe multidisciplinar (Bandeira, 2022).

De acordo com Silva e Silva (2022) outros direitos garantidos pela lei Maria Berenice ao portadores de TEA, consiste na inserção da criança autista na escola, as quais tem a função de adotar estratégias no âmbito curricular para que estas crianças se adaptem a esse novo mundo, com a oferta de educação digna e de qualidade, profissionais capacitados que interliguem a família no processo de construção educacional, mediação pedagógica na organização de atividades de recreação e alimentação e implementação de atividades educacionais, que venham a contribuir para a socialização desta criança.

O acesso profissionalizante e inserção no mercado de trabalho, também é garantido aos indivíduos portadores de TEA, atualmente há leis que obrigam as empresas a terem em seu quadro de colaboradores autistas, visto que são equiparados a deficientes, para garantir a inclusão dos pacientes no mercado. Assim também como em cursos profissionalizantes, disponibilizados para capacitar e prepará-los para o mercado de trabalho, já que que todas as leis são embasadas na garantia de acessibilidade, igualdade, inclusão social e dignidade do autista, visto que para promover a inclusão significa, sobretudo, uma mudança de postura e de olhar acerca da deficiência do outro ser (Souza Junior, 2021).

A Diretriz de Atenção à Reabilitação da Pessoa TEA, foi publicada em 2013 pelo Ministério da Saúde, com o intuito de orientar os profissionais de saúde e familiares em relação a identificação precoce do autismo em crianças de até três anos, visto que o quadro clínico pode ser severo e persistente, cabendo aos pais e familiares assim como os profissionais da saúde, cuidados intensos e extensos, por período permanente de grande dedicação (Bandeira, 2022).

Segundo Fonseca, Moraes e Yamashita (2022), no dia 08 de janeiro de 2020, foi sancionada a Lei Romeo Mion, a qual estabiliza e cria a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTA), a qual possibilita a identificação do autismo visualmente, permitindo acesso a atendimentos prioritários e a serviços aos quais os autistas têm direito. O documento é gratuito, emitido por órgãos estaduais e municipais.

O regulamento referente à Assistência Social, um direito defendido no artigo 203 da Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS- Lei 8.742/93) prever o dever do Estado de prestá-la assistência independentemente de contribuição, garantido a proteção desde a maternidade a velhice, às crianças e adolescentes carentes, promoção da integração ao mercado de trabalho, habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária, assim como garantir um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência (Guimarães; Cabral, 2021).

Freire e Nogueira (2023) ressalta que todos os serviços disponíveis pela Assistência Social são devidos aos autistas, pois os mesmos se enquadram no conceito de pessoa com deficiência proposto pela Convenção da ONU do ano de 2006, onde essas crianças e familiares devem buscar ajuda tanto na esfera municipal quanto regional, podendo assim contar com os Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e com os Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), que oferecem serviços que contribuem com a inclusão social, dispendo de assistentes sociais aptos a concederem todas as orientações em relação aos direitos devidos e, ainda mais, aos direitos violados.

De acordo com Guimarães e Cabral (2021) a Lei 13.370/2016 altera o o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990 que trata do direito a horário especial (reduzido) ao servidor público com filhos autistas. A autorização tira a necessidade de compensação ou redução de vencimentos para os funcionários

públicos federais que são pais de pessoas com TEA. Apesar de ser apenas Federal, muitos estados e municípios a partir desta lei inspirou para criar as suas próprias e assegurar mais este direito aos portadores de TEA.

Pimenta (2019) enfatiza que todos os benefícios previstos em lei, emenda e projetos constata o avanço legislativo do Brasil na proteção e inclusão dos autistas na sociedade. A segurança jurídica ampara os próprios autista e familiares, permitindo deste modo a superação dos preconceitos, colocando em prática a igualdade defendida pela Constituição, assim aprimorando a democracia brasileira.

3.3 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA AUTISTA

O TEA por se tratar de um transtorno mental complexo, o qual apresenta diferentes graus de acometimento sendo estes leve, moderado e grave, normalmente relacionados as dificuldades de interação e comunicação social, se faz necessário a identificação precoce dos sintomas a assim poder minimizá-los por meio da promoção da independência de atividades da vida diária, de adaptação ao transtorno e de melhor qualidade de vida a estes indivíduos (Carvalho; Sousa; Honeidy, 2022).

Neste contexto percebe se a atuação imprescindível do profissional de enfermagem. O qual é responsável pelo acompanhamento do crescimento infantil para prevenir influências não favoráveis e problemas de origens multicausais da infância, através das consultas de puericultura, que visam priorizar a saúde e evitar a doença, ou seja, o enfermeiro é o pioneiro diante do diagnóstico de autismo infantil (Ribas; Alves, 2020).

De acordo com Conterno et al (2022) no âmbito assistencial à saúde, o enfermeiro é um dos profissionais que acompanha os pacientes por longo tempo, o serviço prestado por este profissional é considerado de grande importância principalmente na identificação e investigação de alterações no desenvolvimento comportamental da criança. Entretanto, o enfermeiro deve estar apto e ter conhecimento acerca da temática para identificar os sinais evidentes de TEA, desse modo orientar a família em relação a interação social, prestando atendimento adequado, buscando o fortalecimento da rede de apoio especializada, intersetorial e interdisciplinar para dar suporte ao processo de cuidado dessas crianças.

O enfermeiro contribui com sua assistência à criança com TEA desde a atenção primária aos serviços de saúde especializados. Estudos demonstram que as estratégias usadas pelos enfermeiros em Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) por meio da musicoterapia proporcionou o desenvolvimento de habilidades e melhorou a interação social das crianças autistas, além da contribuição para o aprimoramento da comunicação verbal e não verbal, rompendo assim padrões de isolamento e comportamentos estereotipados (Conterno et al., 2022).

Souza et al (2020) complementa que, as abordagens de atuação do enfermeiro na assistência da criança com TEA precisam ser inovadoras e ir além dos métodos tradicionais, como por exemplo as condutas com jogos lúdicos que tem o objetivo de informar as crianças e familiares sobre o autocuidado reais do cotidiano, auxiliando deste modo a criança a superar seus medos e adaptar a família a nova rotina. Pois, os enfermeiros são agentes de mudança clínica, acadêmica e política, os quais podem quebrar padrões tradicionais de tratamento, educação e apoio aos pacientes, familiares, comunidades e equipes de saúde.

O papel do enfermeiro vai além das discussões de epidemiologia do TEA, triagem, diagnósticos e decisões e ações precoces nos casos de suspeita de TEA, pois o enfermeiro tem uma representatividade inigualável na recomendação de atividades físicas e métodos modernos que quebram as barreiras arcaicas de cuidados atribuídos aos pacientes de TEA e que são benéficas para a saúde física e mental das pessoas com transtorno do espectro autista (Moura; Tonon, 2022).

Conterno et al (2022) também ressalta em seus estudos a assistência de enfermagem baseada na metodologia do autocuidado da criança com TEA de Dorothea Orem, a qual aborda como forma principal para a manutenção do bem-estar, visando ensinar o processo de autocuidado em relação a hábitos de higiene à criança, como escovar os dentes, tomar banho, higienizar após usar o banheiro, para que assim a criança consiga habilidades sozinhas, fazendo com que ela se enxergue como o personagem central trabalhando deste modo autonomia, a criatividade, a coordenação motora, a concentração, a paciência e a habilidade de trabalhar em grupo da criança autista.

Outra possibilidade de cuidado de enfermagem com TEA, consiste no estabelecimento de vínculos entre o profissional e a criança, que tem como estratégias o contato de forma gradual, respeitando o tempo de adaptação da criança, visando estabelecer afinidades por meio de uma postura acolhedora, assim promovendo o

desenvolvimento da criança com TEA para que ela conquiste autonomia em qualquer ambiente que venha a ser inserida (Ribas; Alves, 2020).

A importância da assistência à criança com TEA prestada pelo enfermeiro, se dar devido à habilidade de prestar um cuidado integral, contribuindo além da identificação de sinais e sintomas da doença, favorecendo assim o diagnóstico precoce, o enfermeiro tem uma visão holística da situação que envolve criança, familiares e sociedade, atuando com a educação em saúde e sendo peça chave no contato da família com outros profissionais da saúde (Magalhães et al., 2020).

O enfermeiro além de prestar assistência à criança com TEA, este pode também a partir de sua experiência instruir a família sob as diversas possibilidades de cuidado com a saúde da criança autista, visto que este profissional tem o papel de potencializar as diferentes estratégias de adaptação, cuidado, estímulo, atenção e fortalecimento com a família, auxiliando-os a enfrentar os desafios diários da deficiência de desenvolvimento neurológico que a doença trás (Ferreira; Theis, 2021).

De acordo com Pimenta (2019) os enfermeiros têm como responsabilidade diante a assistência ao paciente de TEA e familiares, montar estratégia de Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde para o atendimento a estes pacientes, desde a triagem através do atendimento usando recursos alternativos como músicas, brincadeiras e materiais lúdicos, além também de acolher a família, até a implantação do tratamento.

Para uma assistência de enfermagem qualificada a criança com TEA, o profissional deve ter conhecimento das dificuldades que haverá durante a prática assistencial, tais como: dificuldade de expressão oral, não obedece a comando, não emite e nem realiza contato visual. Dessa forma, cabe ao enfermeiro o olhar cuidadoso, a escuta atenciosa, individualizada e com assistência holística, para assim poder desenvolver as orientações adequadas e as melhores intervenções a criança com espectro autista (Silva; Santos; Naka, 2021).

A assistência do enfermeiro à pessoa autista é considerada como fundamental no desempenho do processo de trabalho de enfermagem. O enfermeiro é considerado no âmbito de saúde um elo entre a equipe multiprofissional e os cuidadores da criança autista. A escuta dos pais durante a consulta requer uma abordagem em especial das preocupações e dificuldades que os cercam com a finalidade de traçar o melhor processo assistencial tanto para a criança quanto para a família, promovendo a condução do bem-estar de todos (Magalhães et al., 2020).

Muitos enfermeiros têm dificuldade em relação ao conhecimento e diagnóstico acerca do TEA, sendo necessária capacitação direcionada para o gerenciamento de comportamentos desafiadores, assim como saúde mental, deficiência intelectual, diagnósticos duplos, habilidade de comunicação e modelos avançados para o cuidado individual físico dos pacientes e familiares. O acesso à educação e ao desenvolvimento de práticas que aprimorem o conhecimento do enfermeiro tendem a melhorar as necessidades tanto dos pais de crianças com TEA quanto do próprio profissional (Silva et al., 2021).

Se faz essencial que o enfermeiro e a equipe de enfermagem estejam envolvidos em todo o processo de diagnóstico e intervenções à criança autista, visto que estes profissionais estão na linha de frente do cuidado e são a porta de entrada para os serviços de saúde. Embora, haja uma carência de conhecimento dos profissionais de enfermagem em relação ao TEA, é de competência do enfermeiro o papel de perceber os sinais e sintomas apresentados pelas crianças com suspeita de autismo. Entretanto a fim de não atrapalhar o tratamento destes pacientes, se é essencial a estimulação de ações educacionais permanente nos serviços de saúde para estes profissionais, que conseqüentemente favorecerá para o melhor prognóstico à criança e aos familiares (Nascimento et al., 2022).

Apesar do déficit de conhecimento enfermeiro sobre o autismo infantil, visto que é um dos transtornos mais complexos e compreende uma gama de sinais e sintomas, exigindo um olhar para o diagnóstico precoce, recomenda a necessidade de os enfermeiros refletirem sobre prática, ensino, pesquisa e gestão no tocante os recentes métodos de aprimoramento de atos e intervenções de saúde, permitindo mais conhecimento acerca das particularidades do autismo e assim prestando uma assistência qualificada e eficaz a estas crianças e familiares ou cuidadores (Ferreira; Theis, 2021).

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo trata de uma revisão integrativa da literatura. De acordo com Sonaglio et al (2019) o estudo que adota o método de revisão integrativa tem como principal característica a unificação de diferentes artigos que abordem um determinado assunto para a construção de um novo trabalho científico. Com isso utilizam-se de linguagem clara, objetiva e com coerência, objetivando estabelecer relações entre as teorias e o empírico para descrever um determinado fenômeno ou fato.

De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2019), essa metodologia compreende a utilização de estudos experimentais e não experimentais, para um entendimento do fenômeno analisado, abrange definições de conceitos relevantes em determinado assunto e proporciona práticas baseadas em evidências.

Para a construção da pesquisa integrativa é necessário que inicialmente identifique o tema a ser pesquisado, relatando possíveis hipóteses até concluir a questão norteadora, que servirá para nortear as demais etapas, assim também como realizar buscas nas bases de dados, objetivando encontrar literaturas que ressaltem o tema escolhido; após a busca bibliográfica é necessário a extração de dados que venham a contribuir para a síntese do novo estudo, podendo assim organizar por tabelas, quadros e /ou categorias; após a organização destes dados é essencial que o pesquisador analise criteriosamente cada estudo para poder interpretar os seus resultados com coerência e logo em seguida poder apresentar (Batista; Kumada, 2021).

Para Camargo et al, (2018), a Prática Baseada em Evidências (PBE) envolve a solução de problemas, por trazer as melhores evidências, tendo por base, o rigor metodológico.

4.2 IDENTIFICAÇÃO DA QUESTÃO NORTEADORA

Santos (2019) ressalta que a questão norteadora se trata de indagações cujo objetivo é orientar o desenvolvimento de uma determinada pesquisa. A questão norteadora deve ser clara, objetiva e coerente ao tema escolhido para a síntese do

trabalho científico, assim permitindo acessar informações prévias de um determinado assunto ou temática.

Para a elaboração do presente estudo, a questão norteadora mantém relação com os objetivos da pesquisa, sendo a seguinte: quais os tipos de assistência de enfermagem prestada a criança com autismo e como a equipe de enfermagem desenvolve essas atividades?

4.3 PROCEDIMENTOS PARA A BUSCA E SELEÇÃO DE ARTIGOS

A busca dos artigos foi realizada nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Banco de dados de enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), devido a sua abrangência nas áreas da saúde. Serão utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DECS) intermediados pelo operador booleano AND entre os termos: “Assistência de Enfermagem”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Criança”, “Família”, como demonstrado no quadro 1.

Quadro 1. Estratégia de busca dos artigos por meio do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde nas bases de dados. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2024.

DESCRITORES	BASES DE DADOS		
	BDENF	LILACS	MEDLINE
Assistência de enfermagem <i>AND</i> Transtorno de Espectro Autista	05	08	146
Assistência de enfermagem <i>AND</i> Transtorno de Espectro Autista <i>AND</i> Crianças	04	07	115
Assistência de enfermagem <i>AND</i> Família <i>AND</i> Transtorno de Espectro Autista	03	05	49
TOTAL	12	20	310

Fonte: Pesquisa direta, 2024.

4.4 PERÍODO DA COLETA

A seleção dos estudos ocorreu nas bases de dados entre os meses de fevereiro e março de 2024.

4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

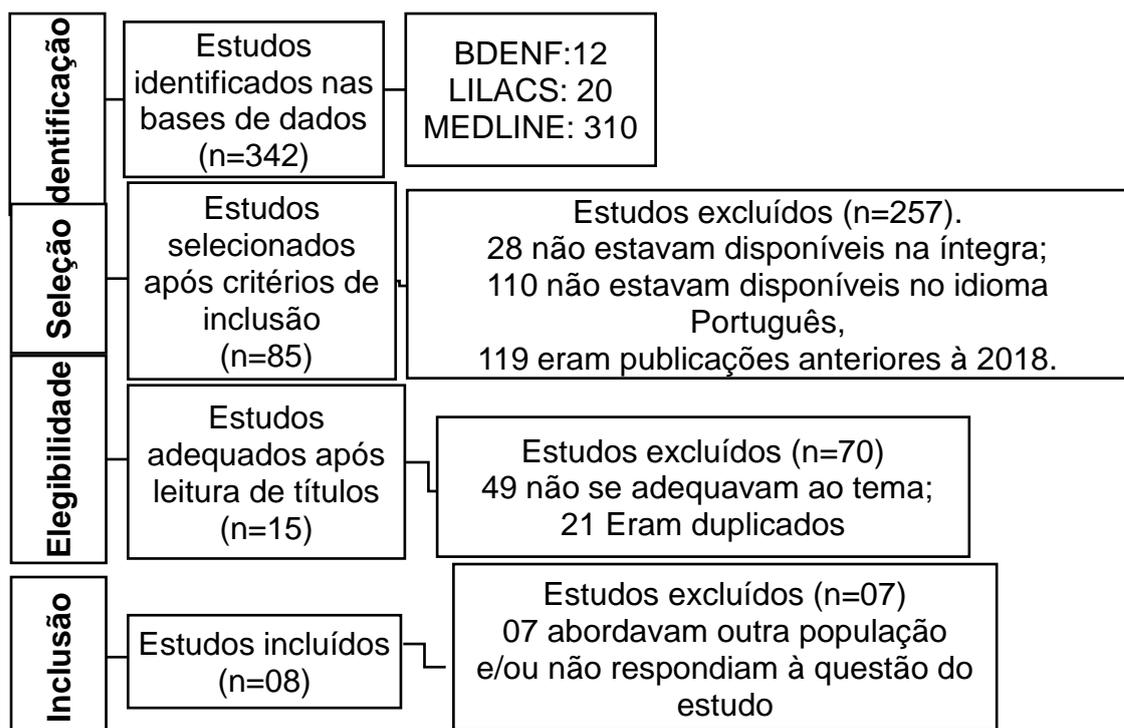
Considerando a transitoriedade das evidências foram adotados como critérios de inclusão os estudos publicados entre os anos de 2018 e 2023, sendo obras que abordem a temática proposta, artigos originais e disponíveis na língua português, sendo de forma gratuita.

Foram excluídos os artigos que se apresentaram como inadequação a temática, período de publicação anterior a 2018, língua estrangeira, revisão, relato de experiência pesquisas duplicadas nas bases de dados e artigos incompletos.

4.6 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, os artigos foram organizados de forma a evidenciar a seleção dos mesmos, de acordo com as bases de dados, através da utilização do Checklist *Preferred Reporting Items Systematic Review and Meta-Analyses* (PRISMA) proposta por Moher et al, (2009).

Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos de acordo com o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2024.



Fonte: Pesquisa direta, 2024.

Posteriormente a identificação e seleção dos estudos, obteve-se uma amostra de 342 artigos, que após aplicação dos critérios de inclusão, 257 estudos foram excluídos, restando apenas 85 estudos. Diante da análise de elegibilidade, 70 estudos foram excluídos devido não se adequarem ao tema em estudo e/ou estarem duplicadas nas bases de dados. Diante da inclusão dos estudos, 07 pesquisas foram excluídas por abordarem outra população, e/ou porque não respondiam à questão norteadora do estudo. Sendo assim, a amostra final desta revisão é composta por 08 artigos, os quais atenderam a todos os critérios de inclusão.

Logo após foi elaborado assim o banco de dados através da síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa, conforme o título, autores, ano de publicação, revista/periódico e principais resultados como exposto no Quadro 2. Os quais foram realizados fichamentos prévios dos artigos selecionados para a síntese da pesquisa, permitindo deste modo, maior precisão na extração das informações.

4.7 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A interpretação dos dados envolveu uma discussão mais profunda com a literatura pertinente à temática. Para organização e síntese qualitativa dos estudos incluídos, foi realizada categorização de acordo com a temática proposta, utilizando-se um quadro de amarração teórica para detalhar os dados e assim realizar a sua interpretação. A extração das informações significativas dos artigos foi inserida em uma tabela que conter o título do artigo, bem como, autoria e ano de publicação, revista/periódico e principais resultados, a fim de melhor visualizar e sistematizar as discussões.

As categorias temáticas tendem a facilitar a interpretação dos dados coletados, de uma forma clara e objetiva, proporcionando deste modo o agrupamento de ideias semelhantes ou diferentes expostas pelos autores sobre um determinado assunto, trazendo veracidade, confiabilidade e validade dos dados apurados durante o processo de pesquisa (Sampaio; Lycarião, 2021).

4.8 ASPECTOS LEGAIS DA PESQUISA

Considera-se os preceitos éticos e legais, o presente estudo não foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), pois o seu perfil metodológico, baseado na realização de uma RIL, dispensa a avaliação ética, sob análise da resolução nº 466/2012. Relacionando-se aos princípios de autoria, serão preservados os direitos autorais dos estudos utilizados durante a elaboração do presente trabalho (BRASIL, 2012b).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme supracitado, após a estratégia de busca dos artigos, identificação, seleção, elegibilidade e inclusão, obteve-se um total de 08 artigos que sintetizaram os principais achados acerca da assistência de enfermagem prestada a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), como evidenciado no quadro abaixo.

Quadro 2- Síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2024.

TÍTULO	AUTORES/ ANO DE PUBLICAÇÃO	REVISTA/ PERIÓDICO	RESULTADOS
Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar.	MAPELLI et al 2018	Escola Anna Nery	A família percebe sinais do Transtorno do Espectro Autista; entretanto, acredita que não existem comportamentos suspeitos, mas personalidades próprias da criança. Quando o diagnóstico é definido, a aceitação familiar é aflitiva. A mãe demonstra-se cuidadora principal, enquanto o pai permanece na retaguarda. Constata-se um significativo direcionamento da família para o cuidado/atenção/estímulo à criança autista.
Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras	CORRÊA; GALLINA; SCHULTZ, 2019.	Revista da APS	Foram construídos em três categorias, sendo uma delas "Conceituando o TEA, descrevendo a importância da triagem precoce e vivenciando a assistência às crianças com TEA".
Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem família.	BONFIM et al., 2020.	Revista Brasileira da Enfermagem -REBEN	No início, houve dificuldade da família na percepção dos primeiros sinais atípicos apresentados pelas crianças. As famílias vivenciam situações de vulnerabilidade, visto que redes de apoio são insuficientes. A escola teve papel significativo no

			reconhecimento de comportamentos inesperados.
Avaliação de aspectos emocionais e comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista.	ALMEIDA et al., 2021	Aletheia	Os resultados do presente estudo sugerem que o CBCL é útil para a identificação de sinais de alerta de TEA
O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano	SOELTL; FERNANDES; CAMILLO, 2021.	ABCS Health Sciencs	Foram elaboradas quatro categorias principais: o cuidado baseado em valores humanístico altruístas, o cultivo da sensibilidade para si e para o outro, a valorização da expressão de sentimentos e a relação interpessoal, a promoção do ensino-aprendizagem intrapessoal e interpessoal.
Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado	MAGALHÃES et al., 2022.	Revista Baiana de Enfermagem.	Isolamento social, falta de motivação e dependência para execução de atividades constituíram os principais problemas levantados. As afirmativas diagnósticas que possibilitaram a estruturação de 27 intervenções de enfermagem, compreenderam o déficit no autocuidado para alimentação, banho e higiene íntima; o isolamento social; e a disposição para melhora do autocuidado.
Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento	SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022.	Semina: Ciências Biológicas e da Saúde.	Através da fala dos profissionais entrevistados, ficou evidente que há certo conhecimento sobre o transtorno por parte dos enfermeiros, mas de maneira limitada. Fica clara a necessidade do papel da família como elo entre o paciente e os profissionais de saúde e a prestação do cuidado humanizado a esses pacientes.
Assistência do enfermeiro(a) a	JERÔNIMO et al., 2023.	Acta Paul Enfermagem	Assistência do(a) Enfermeiro(a) nos Centros de

crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista			Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil foi representada por duas categorias temáticas, sendo a primeira Assistência do(a) Enfermeiro(a) a criança/adolescente com Transtorno do Espectro Autista com as subcategorias abordando cuidados com o ambiente terapêutico; orientações a cuidadores/familiares; identificação de casos e planejamento do projeto terapêutico. A segunda categoria foi representada como Dificuldades enfrentadas por Enfermeiros(as) na assistência à criança/adolescente com Transtorno do Espectro Autista, e as subcategorias foram representadas por lentidão com que os resultados da assistência são alcançados; desafios da articulação com familiares e com sistema educacional para continuidade do cuidado, e, finalmente por despreparo profissional para assistência.
--	--	--	---

FONTE: Pesquisa direta, 2024.

Os artigos selecionados para compor a presente pesquisa compreende entre os anos de 2018 à 2023, os enfatizam a assistência de enfermagem prestada a criança com diagnóstico de TEA, assim também como os cuidados prestado a família.

Referente ao ano de publicação, os anos em que mais houve publicações foram 2022, 2021 com 02 artigos publicados, seguido do ano de 2018 com 01 artigo, juntamente com os anos de 2018, 2019 e 2023. Pode-se observar que o assunto é frequentemente abordado e debatido, estando presente em todos os anos selecionados para este estudo, sendo possível notar que em todos os anos existem publicações relacionadas à temática em questão.

Majoritariamente os estudos utilizaram como método abordagem qualitativa e o modo de estudo descritivo. As publicações que são qualitativas indicam que as

pesquisas buscam compreender experiências únicas e complexas, o qual significado não pode ser capturado por meio de dados numéricos.

No desfecho da pesquisa, com o propósito de auxiliar em uma melhor compreensão a respeito dos resultados obtidos no estudo, preferiu pela fragmentação da discussão dos dados em duas categorias, sendo elas: Assistência de enfermagem a criança autista e seus familiares; Enfermagem frente à detecção e diagnóstico da criança com TEA.

5.1 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇA AUTISTA E SEUS FAMILIARES.

A enfermagem tem como essência o cuidar e atua em diferentes linhas de frente com o objetivo de prestar uma assistência à saúde qualificada na maioria dos serviços. Dessa forma, esses profissionais se descobrem com a diversidade das condições de trabalho e saúde humana, incluindo o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A atuação do enfermeiro frente a criança autista e seus familiares além de ser essencial, é também considerada como um dos alicerces para o início do tratamento, pois este profissional tem o papel socializador pois contribui para a aceitação e compreensão da criança em seus diferentes espaços, além de orientar e apoiar a família desta criança.

Como evidenciado na pesquisa de Jerônimo et al (2023), onde ressalta os cuidados que os enfermeiros prestam a criança autista e seus familiares/ cuidadores, as quais destacam: cuidados com ambiência como a manutenção do ambiente terapêutico, incluindo deste modo atenção para os atendimentos, uso de comunicação clara e assertiva, atenção às alterações comportamentais, assim como as necessidades físicas da criança, além de manter a organização e higiene do ambiente.

Corroborando com os estudos de Sandri, Pereira e Corrêa (2022), que aborda as estratégias que os enfermeiros de uma Unidade de Pronto Atendimento em Foz do Rio Itajaí (Santa Catarina) utilizam durante o atendimento da criança autista tendo como as principais: acolhimento, dando prioridade ao atendimento; ambiência adequada para atendimento, proporcionando um ambiente calmo e tranquilo, protegendo assim o paciente com TEA ao movimento da unidade; e o cuidado humanizado para a minimizar as interferências ao cuidado.

Magalhães et al (2022) ressalta a importância da assistência de enfermagem prestada criança autista, assim como a orientação aos familiares quanto ao incentivo para que as crianças desenvolvam habilidades do cotidiano como alimentar se, vestir se e tomar banho sozinha, proporcionando deste modo a integração e aprimoramento de habilidades para a prática das atividades de vida diária.

O transtorno do espectro autista frequentemente influencia negativamente para a autonomia das crianças em relação ao autocuidado, na aprendizagem e na socialização, além dificultar em relação as habilidades de resolver algumas situações do cotidiano, por isso é necessário ajuda que proporcione o desenvolvimento de atividades básicas, porém de grande relevância.

Magalhães et al (2022) salienta em seus estudos que apesar das limitações que envolve o transtorno, algumas limitações são acentuadas pela superproteção dos familiares/ cuidadores, ou pela falta de compreensão dos mesmos acerca do transtorno e estimulação tardia alavancando assim nos atrasos do desenvolvimento. Nesse sentido a prática clínica de enfermagem viabiliza estratégias de intervenção e execução de planos de cuidados essenciais, no qual o enfermeiro juntamente com a criança/familiar pode identificar déficits de capacidade de autocuidado e desenvolver os potenciais já existentes melhorando deste modo as práticas de saúde

Nos estudos de Jerônimo et al (2023) aborda que além de proporcionar um ambiente tranquilo para o atendimento da criança autista, nesses espaços é possível a orientação de familiares/cuidadores referente à assistência, podendo ocorrer durante os atendimentos, visto que o envolvimento dos pais/cuidadores é de grande importância para a continuidade/ integralidade do cuidado.

Sandri, Pereira e Côrrea (2022) enfatiza que apesar de relevante a família para o cuidado, estes com o excesso de zelo acabam interferindo negativamente na interação da criança autista com demais pessoas, além da negação da realização de alguns procedimentos, principalmente os mais invasivos. Entretanto apesar das adversidades encontradas durante a realização dos cuidados a criança com TEA, os profissionais enfermeiros procuram realizar suas atividades e assistência respaldada na humanização e bem-estar do paciente.

A assistência de enfermagem a crianças om TEA é baseada no aprimoramento das competências legais que lhe são cabíveis, desde o acolhimento desta criança e familiares em seus locais de atendimento até o tratamento, pois sabe-se que o enfermeiro é essencial para equipe multiprofissional, este profissional atua como

mediador auxiliando na busca da qualidade de vida deste paciente e orientação aos familiares.

Assim como assistência à criança com TEA, os enfermeiros exercem função decisiva para o empoderamento dos pais/cuidadores da criança autista. Desde a orientação sobre o transtorno, recursos, suporte emocional e rede de apoio estes profissionais contribuem de forma significativa para o desenvolvimento familiar e principalmente para aceitação dos pais diante da nova realidade.

Corroborando com Sandri, Pereira e Côrrea (2022) o qual expressa em seus estudos que cabe ao enfermeiro articular métodos que possa contribuir para a aceitação dos pais e cuidadores em relação ao diagnóstico de TEA, promovendo entendimento e principalmente esclarecer dúvidas e anseios sobre o transtorno, otimizando deste modo a convivência familiar. A orientação familiar e acolhimento à criança por parte dos familiares, são consideradas condutas indispensáveis para que assim a criança se sinta protegida e amada, além da confiança que pode ser adquirida ao longo dos tempos.

5.2 ENFERMAGEM FRENTE À DETECÇÃO E DIAGNÓSTICO DA CRIANÇA COM TEA.

Nesta categorização, aborda-se e discute-se o principal as ferramentas que os profissionais enfermeiros utilizam o reconhecimento do transtorno de espectro autista nas crianças e assim possam atuarem como facilitadoras, demonstrando as suas contribuições no processo de cuidar.

Os serviços básicos de saúde são considerados porta de entrada para os diversos serviços de saúde, neste ambiente atua o enfermeiro que juntamente com sua equipe, é responsável pelo acolhimento dos pacientes e direcionamento destes para os demais serviços de saúde ofertados. Uma das suas atividades é a realização das consultas de acompanhamento e desenvolvimento das crianças, podendo ser observado nestes momentos traços indicativos de atraso no desenvolvimento, detectando possíveis casos de transtorno do espectro autista.

Como explícito nos estudos de Soeltl; Fernandes e Camillo (2021), os quais mencionam que a avaliação da criança com suspeita de TEA afim de traçar diagnóstico e identificar sinais característicos do transtorno, deve ser realizado por uma equipe multiprofissional, incluindo além do profissional enfermeiro que irá atuar

no processo de diagnóstico e intervenções à criança autista, um médico psiquiatra, neurologista ou pediatria, um psicólogo e também um fonoaudiólogo.

Bortone e Wingester (2016) declara que é de fundamental importância o reconhecimento dos sinais do TEA pelo enfermeiro, visto que este profissional desempenha papel primordial para assistência desta criança e família, pois o mesmo participa desde o planejamento familiar até o desenvolvimento infantil, com isso se torna imprescindível para um diagnóstico precoce, e conseqüentemente, para início de terapias e educação especializada.

Seize e Borsa (2017) evidencia que o diagnóstico de TEA só pode ser determinado após os três anos, porém, a identificação de sinais para o TEA pode e deve ser feita precocemente, principalmente quando este profissional tem o conhecimento suficiente para a detecção destes sinais.

Soeltl; Fernandes e Camillo (2021) relatam em seus estudos a dificuldade que os enfermeiros têm em relação ao reconhecimento de sinais do TEA, principalmente os que estão envolvidos com as disfunções sensoriais, devido às dificuldades de comunicação das crianças. Este resultado corrobora com Sena et al (2015) os quais relatam que para o reconhecimento de algumas disfunções é necessário o uso de instrumentos a fim de favorecer essa análise, como a escala de M-CHAT revisada que é normalmente utilizada no Brasil.

Em consonância com Montenegro et al (2019) que ressalta a importância do uso de instrumentos adequados para a triagem das crianças durante a consulta de enfermagem, porém é fundamental que o enfermeiro possua conhecimento teórico e prático para aplicabilidade e assim consiga nortear cuidados a serem prescritos e realizados.

Rodrigues et al (2022) os quais afirmam que o enfermeiro pode contribuir na elucidação do diagnóstico, a partir da observação comportamental expressado pela criança durante as consultas de enfermagem, assim também como durante o período de internações hospitalares e visitas domiciliares. Durante as consultas de enfermagem, o profissional também tem a oportunidade de observar a família e o contexto social que a criança está inserida, torna-se oportuno a troca de saberes sobre o transtorno, o acompanhamento e a identificação do grau de compreensão dos envolvidos.

Viana et al (2021) confirma que os enfermeiros devem demonstrar durante as consultas e acompanhamento das crianças, atitudes acolhedoras e, em associação

com os familiares, identificar possíveis estratégias a serem compartilhadas, possibilitando deste modo o desenvolvimento das habilidades desta criança, além de promover segurança e conforto para criança e familiares. Visto que o diagnóstico de TEA se dar a partir da observação de um conjunto de fatores e por uma equipe multiprofissional, a qual o enfermeiro é parte integrante.

Corroborando com o Pitz, Gallina e Schultz (2021) os quais reforçam que o profissional deve observar e interpretar a criança durante todo o processo e avaliá-la constantemente, executando estratégias que respeitem a singularidade de cada criança, para que deste modo consiga encaminhá-los para demais profissionais e assim inicie tão logo o tratamento afim de garantir uma melhor qualidade de vida a esta criança e familiares.

Diante deste contexto torna se imprescindível o apoio dos enfermeiros e assistência à criança com TEA, com o objetivo de promover a reabilitação desta criança e familiares, a partir da detecção precoce dos sinais, e deste modo poder proporcionar tratamentos e terapias para diminuir o impacto na vida diária de todos os envolvidos. Entretanto ressalta-se a importância da capacitação deste profissional acerca desse transtorno, visto que a detecção precoce contribui para um melhor prognóstico da criança. Pois o enfermeiro contém um olhar holístico e integral, sendo este apto a exercer esse papel frente a criança com TEA.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TEA é considerado um transtorno que exerce forte influência no desenvolvimento neural do indivíduo em diferentes graus. É caracterizado pela inatividade da interação social, linguagem e comunicação, além de apresentar padrões estereotipados e repetitivos em relação ao comportamento, podendo se manifestar nos primeiros meses de vida, porém o diagnóstico se dar por volta dos três anos de idade, tendo o enfermeiro como mediador da assistência e de fundamental relevância para o diagnóstico precoce.

O presente estudo ressalta a importância da assistência de enfermagem no diagnóstico precoce do TEA, cuidado e promoção de saúde tanto da criança autista como da família. O enfermeiro é um dos principais profissionais da atenção primária a saúde, torna-se um elo entre a família e a equipe multiprofissional, por isso o mesmo deve estar apto para o reconhecimento dos primeiros sinais que caracteriza o TEA, e assim tomar decisões e medidas resolutivas para promover uma melhor qualidade de vida para a criança e familiares, por meio de assistência humanizada, respeitando a singularidade de cada indivíduo.

No presente estudo também revelou a importância destes profissionais possuírem o conhecimento teórico e prático dos diferentes métodos de triagem para reconhecimento dos sinais evidentes nas crianças com TEA, podendo estes serem utilizados nas consultas de enfermagem durante a puericultura, o qual dispõe de uma avaliação minuciosa do desenvolvimento e crescimento desta criança, e assim oportunizar para a detecção precoce, visto que quanto antes o diagnóstico, melhor prognóstico do transtorno.

Diante dos estudos percebe-se também que é imprescindível o aprimoramento dos conhecimentos e especializações do profissional para assim fornecerem uma assistência de qualidade e humanizada para a criança autista, familiares e comunidade. Apesar de ser um tema relevante para a área acadêmica e sociedade, foi constatado poucas publicações sobre a temática, dificultando deste modo uma discussão ampliada. A dificuldade do reconhecimento dos profissionais em relação aos sinais do transtorno de espectro autista e diagnóstico, evidencia a carência de capacitação em torno da temática para os profissionais enfermeiro atuantes, principalmente nas ESF.

Desse modo diante da importância do estudo, torna se necessário a elaboração de novas pesquisas que abordem essa temática, favorecendo um conhecimento mais aprofundado para que o enfermeiro tenha embasamento no momento de prestar a assistência e práticas eficientes, auxiliando e contribuindo para uma detecção precoce do TEA, proporcionando qualidade de assistência por parte do profissional enfermeiro no atendimento a criança e a família.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.L.; NEVES, A. S. A Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? **Psicologia: Ciência e Profissão** v. 40, e180896, 1-12.2020. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>. Acesso em 15 de outubro 2023

ALMEIDA, F. S; GIORDANI, J. P; YATES, D.B.; TRENTINI, C.. Avaliação de aspectos emocionais e comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Aletheia** v.54, n.1, p.85-95 Jan./jun. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942021000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 abr. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR. 5.ed. Texto Revisado Washugnton, DC Associação Psiquiátrica Americana. **Artmed**, 2023 ISBN 9780890425770 (e-Book). Disponível: <https://www.scielo.br/j/eb/a/c9V4fxSpWPSgkxsgBmPHn5v/>. Acesso 26 nov. 2023.

ANJOS, B.B.; MORAIS, N. A. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 15, n.1, e2347, jun. 2021. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212021000101203&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 jun. 2023.

ARAÚJO, H. S.; JÚNIOR, M.L.; SOUSA, M. N. A.. Atuação multiprofissional no manejo do transtorno do espectro autista. **Contemporânea –Revista de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 3, mai./jun. 2022. ISSN 2447-0961 (3): 46-68, 2022. Disponível:<http://doi.org/10.56083/RCV2N3-045>. Acesso 23 abr. 2024.

BANDEIRA, G. **Lei Berenice Piana: conheça a lei que prevê direitos dos autistas**. 2020. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/lei-berenicepiana/351653186/16486>. Acessado em: 05 de novembro 2023.

BONFIM TA, GIACON-ARRUDA BCC, HERMES-ULIANA C, GALERA SAF, MARCHETI MA. Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Rev Bras Enferm**. 2020;73(Suppl 6):e20190489. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0489>. Acesso 15 de maio 2024.

BONFIM, T.A., ARRUDA, G.; TESTON, E.F; DO NASCIMENTO F.G.P; MARCHETI, M. G Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo: percepções da equipe multiprofissional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 31:e3780; 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5694.3780>. Acesso 18 de março 2023.

BORTONE ART, WINGESTER ELC. Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. **SynThesis Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.7, n.7, 131-148, dez [Internet]. 2016 Disponível em: <http://peridicos.fapam.edu.br>. Acesso 21 de abril 2024.

BATISTA, L.S; KUMADA, K.M.O. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Rev. Bras. de Iniciação Científica (RBIC)**, IFSP Itapetininga, v. 8, e021029, p. 1-17, 2021. Disponível: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/113>. Acesso 14 de agosto 2023.

BIANCHI, V.A.; ABRÃO, J.L.F. A construção histórica do Autismo. **Brazilian Journal of Health Review**. 2023., Curitiba, v. 6, n. 2, p.5260-5277, mar./apr., 2023 ISSN: 2595-6825. Disponível: <http://doi.org/10.34119/bjhrv6n2-063>. Acesso em 15 de abril 2023

BRASIL. LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012a. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.** Disponível em http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.764-2012?OpenDocument. Acesso 01 de outubro 2023.

BRASIL Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012b. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, **Diário Oficial da União**, 12 dez. 2012. Disponível: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrNY04d8mVmv5UDWVYf7At.;_ylu=Y29sbwNiZjE EcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1717985949/RO=10/RU=https%3a%2f%2fconselho.saude.gov.br%2fresolucoes%2f2012%2fReso466.pdf/RK=2/RS=mt0T3 pD5B6IM3BDBOqcptF6lvjQ-. Acesso 23 ago. 2023.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. *Mentes únicas: Aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades 31 impulsionando seu potencial.* **Editora Gente** Liv e Edit Ltd, 2019. Disponível: https://books.google.com/books/about/Mentes_%C3%BAnicas.html?id=wM6FDwAA QBAJ. Acesso 23 dez. 2023.

CALDAS, G. R. F.; TEIXEIRA, L. da S.; PEREIRA, B. L. de A.; CAVALCANTI, A. H. MENEZES, L. G. C. de C. ; SILVA, V. M. .; SILVA, R. C. da .; LIMA, M. S. M. de .; VENTURA, B. L. . Práticas de cuidado à saúde frente do autismo infantil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e15812139569, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i1.39569. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39569>. Acesso em: 7 jun. 2023.

CAMARGO, F.C; IWAMOTO HH, GALVÃO CM, PEREIRA GA, ANDRADE RB, MASSO GC. Competências e barreiras para prática baseada em evidências na enfermagem: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2030-2038, 2018. disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0617>. Acesso 14 de agosto 2023.

CARNEIRO, S. R.; GONÇALVES, R, K. E.; VIEIRA DE ARAÚJO, H. S. .; RANGEL C. A.; CAVALCANTI, V. L. .; PEREIRA, E. W. .; SILVA, G. L. .; SILVA, TV. .; MACCARI OLIVEIRA, M. W. .; CORDEIRO, M. F. O papel da família durante o processo de inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. E30413,

2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/30413>. Acesso 12 abr. 2024.

CARVALHO, F. C. G. de. **Os autismos na atualidade: contribuições a partir da psicanálise e da genética**. 2019. 112 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo. São Paulo. Disponível <https://repositorio.usp.br/item/002958877>. Acesso 23 nov 2023.

CARVALHO, A.S.; SOUSA, M. G. D.; HONEIDY, F. Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022. **RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR..** v.3, n.6. 2022. Disponível <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i6.1523>. Acesso 15 de agosto 2024.

CONTERNO, Julia Reis; MARCHIORATO, Alexa Aparecida Lara; PAULO, Deyse Anne Barbosa de; COUTINHO, Daniele. Assistência de enfermagem a criança com transtorno de espectro autista: revisão integrativa. **Revista Varia Scientia – Ciências da Saúde**, Volume 8 – Número 2 – Segundo Semestre de 2022. Disponível: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/variasaude/article/view/28867>. Acesso 25 de abril 2024.

CORRÊA, I.S; GALLINA, F; SCHULTZ, L.F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Rev. APS**. 2021 abr.-jun.; 24(2): 282-95 Disponível: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>. Acesso 15 de maio 2024

CORREIA, D. S. S.; ALVES, M.F. V.; FERREIRA, G.C.S. Processo diagnóstico do autismo e impacto na dinâmica familiar: uma revisão bibliográfica. Os desafios contemporâneos e interdisciplinares na atualidade **Editora Eritaya**. Rio de Janeiro ISBN: 978-65-87809-75-5. 2023. Disponível: <https://doi.org/10.47879/ed.ep.2023755p73>. Acesso 15 de maio 2023

COSTA, G.C.P; OLIVEIRA, C.C de; LONGHINI, G.S; DINIZ, G.S.V; SANTOS, L.R.O.F ELIASL.S.D.T. Influência dos métodos de ensino PECS e TEACCH sobre o desenvolvimento neuropsicomotor de crianças com transtorno do espectro autista. **CuidArte Enfermagem**. 15(1):22-2. 2021. Disponível: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1283846>. Acesso 12 abr. 2024.

FONSECA, JV da S.; MORAES, EO.; YAMASHITA, RK. Atendimento a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.]**, v. 11, n. 14, pág. e461111436733, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i14.36733. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/36733>. Acesso em: 7 nov. 2023.

FERREIRA, LLS; FONSECA, VG; LIMA, RFS; DE SOUZA, MCA; BHERING, CA. Novas terapias para o tratamento do transtorno do espectro do autismo: revisão de literatura. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**. 2020 Jul/dez.; 10 (1): 24-27. Disponível: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RFEU/article/view/2556/1526>. Acesso 10 de outubro 2023.

FERREIRA, T.L.R.; THEIS, L. C;. A atuação do enfermeiro na assistência a crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 15, n. 22, p. 85-98, 2021. Disponível : <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/articloe/view/1219/810>. Acesso 15 de novembro 2023.

FREIRE, Juliana Marques de Souza; NOGUEIRA, Gisele Silva. Considerações sobre a prevalência do autismo no brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. **RevistaFoco** [Curitiba (PRv.16. n.2|e1225| p.01-18 |202). 2023. Disponível: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n3-009>. Acesso 23 abr. 2024

GOMES, M. M., SILVA, S. R. A. M., MOURA, D. D. A importância da família para o sujeito portador de autismo, a educação e a formação docente. **Revista Educação Pública**, 19 (25). 2019. Disponível <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/25/a-importancia-da-familia-para-o-sujeito-portador-de-autismo-a-educacao-e-a-formacao-docente>. Acesso 15 de março 2023

GUIMARÃES, L. R.; CABRAL, N. M. M. **A lei como instrumento de proteção à pessoa com Transtorno do Espectro Autista – TEA**. Monografia Jurídica da Escola de Direito e Relações Internacionais. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGOIÁS). 2021. Disponível <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1609>. Acesso 25 de agosto 2023.

JERÔNIMO TG, MAZZAIA MC, VIANA JM, CHISTOFOLINI DM. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paul Enferm**. 36:eAPE030832. 2023. Disponível: <http://dx.doi.org/10.37689/actape/2023AO030832>. Acesso 15 de maio 2024

LIMA, Ana Paula de; PESSOA, Carina Costa; SILVA, Manuella Pereira; OLIVEIRA, Patrícia Amaral de; BEZERRA, Martha Maria Macêdo Bezerra. A Família da Criança com o Transtorno Espectro Autista (TEA). **Id on Line Rev. Psic**. V.16, N. 60, p. 15-27, maio/2022 - Multidisciplinar. ISSN 1981-1179 Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br>. Acesso 14 mar. 2024

MAGALHÃES, J.M; LIMA, F. S.V.; SILVA, F.R. O.; RODRIGUES, A.B.M.; GOMES, A.V. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enferm. glob. Murcia** , v. 19, n. 58, p. 531-559, 2020 . Disponível em <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412020000200017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 novembro 2023.

MAGALHÃES JM, SOUSA GRP, SANTOS DS, COSTA TKSL, GOMES TMD, RÊGO NETA MM,. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Rev baiana enferm.**;36:e44858. 2022. Disponível: <http://10.18471/rbe.v36.44858>. acesso 25 de abril 2024.

MAPELLI LD, BARBIERI MC, CASTRO GVDZB, BONELLI MA, WERNET M, DUPAS G. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva

familiar. **Esc Anna Nery**;v.22, n.4:e20180116.2018. Disponível:http// 10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116. Acesso 15 de maio 2024

MARTINS, D.C; FURTADO, L. T.; BLANK, S. Perfil epidemiológico da pessoa com Autismo na cidade de Joinville/SC. **Monumenta - Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 2, n. 3, p. 62-75, 15 jul. 2021. Disponível:https://monumenta.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/66. Acesso 15 de outubro 2023

MARTINS, M.V.S; SANTOS, J.K.M; LIMA, A.A. O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, e229111638233, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | Disponível: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i16.38233>. Acesso 14 de marco 2024

MENDES, K.DS; SILVEIRA, R.C.C.P; GALVÃO, C.M. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, p. e20170204, 2019. Disponível <https://www.scielo.br/j/tce/a/HZD4WwnbqL8t7YZpdWSjypj/?lang=pt>. Acesso 4 de dezembro 2023.

MOURA, V.M; TONON, T.C.A. O papel do enfermeiro na assistência a crianças com transtorno do espectro autista **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, e418111537551, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | Disponível :<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.37551>. Acesso 14 de fevereiro 2024.

MOHER, D, Cook DJ, Eastwood S, Olkin I, Rennie D, Stroup DFavid. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, jun. 2015.Disponívelem <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742015000200017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2024.

MONTENEGRO K. S.; FIGUEIREDOM. A. B.; CASTROL. S. DE F.; KIETZERK. S. Aplicativo sobre a detecção precoce do autismo: uma ferramenta educacional para o ensino em saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 6, p. e347, 3 fev. 2019. Disponível:https://doi.org/10.25248/reas.e347.2019. acesso 15 de abril 2024.

NASCIMENTO, A.S; GOMES, A.M.G; SANTOS, B,C,S; NEVES, W,C; BARBOSA, J.S.P. Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **REAEnf** | Vol. 19 | Disponível: <https://doi.org/10.25248/REAenf.e10523.2022>. Acesso 14 de outubro 2023.

PIMENTA, P. As políticas públicas para o autismo no brasil, sob a ótica da psicanálise **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1248-1262, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000300019&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2023

PITZ, I.S.C; GALLINA, F; SCHULTZ, L.F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista de APS**, v. 24, n. 2, 2021. Disponível <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>. Acesso 25 de abril 2024.

RIBAS, L. B.; ALVES, M. O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano. **Revista Pró-UniverSUS**.; 11 (1): 74-79. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342482285_O_Cuidado_de_Enfermagem_a_crianca_com_transtorno_do_espectro_autista_um_desafio_no_cotidiano. Acesso 15 de agosto 2023.

RIBEIRO, T. C. **Epidemiologia do transtorno de espectro autista: rastreamento e prevalência na população**. 2022. São Paulo. Tese de doutorado Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Disponível <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-22092022-170809/publico/TatianeCristinaRibeiroVersaoCorrigida.pdf>

RODRIGUES, K.M; OLIVEIRA, G.S; FÉLIS, K.C; LIMA, C.F. Conduta do enfermeiro no atendimento e acompanhamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo – TEA. December 2022. **Brazilian Journal of Development** 8(12):80459-80472. Disponível: <http://10.34117/bjdv8n12-242>. Acesso 15 de maio 2024.

SAMPAIO, R.C; LYCARIÃO, D. Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação. Brasília: **Enap**, 2021. 155.ISBN: 978-65-87791-18-0 . Disponível https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf. Acesso 17 de agosto 2023

SANDRI, J.V.A; PEREIRA, I.A; CORRÊA, T.G.L.M. Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 43, n. 2, p. 251-262, jul./dez. 2022. Disponível:[http// 10.5433/1679-0367.2022v43n2p251](http://10.5433/1679-0367.2022v43n2p251). acesso 15 de abril 2024.

SANTOS, Luiz Carlos do. Hipótese de pesquisa e questão norteadora. **Quarteto**. Salvador. 2019. Disponível em <https://pt.linkedin.com/pulse/hip%C3%B3tese-de-pesquisa-e-quest%C3%B5es-norteadoras-luiz-carlos-dos-santos>. Acesso 13 de agosto 2023.

SENA RCF, REINALDE EM, SILVA GWS, SOBREIRA MVS. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **J Res Fundam Care Online**.;7(3):2707-16. 2015. Disponível: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2707-2716>. Acesso 14 de janeiro 2024.

SEIZE, M.M; BORSA, J. C. Instrumentos para rastreamento de sinais precoces do autismo: revisão sistemática. **Psico-USF**, v. 22, n. 1, p. 161-176, Jan./Abr. 2017. Disponível <https://www.scielo.br/j/pusf/a/DmJB3M7FMTYZqXHRRKDtchm/abstract/?lang=pt>. Acesso 15 de maio 2024.

SILVA, T.C; SANTOS, C.,V.P; NAKA, K.S. Assistência de enfermagem à crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde**. 2021.

Disponível://periodicojs.com.br/index.php/easn/article/download/342/328. Acesso 25 de maio 2024.

SILVA, Gabrielly Cristina Carvalho; SILVA, Janaína Aparecida. **A proteção jurídica das pessoas portadoras de transtorno do espectro autista**. 2022 . Disponível: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/32024>. Acesso em 10 de setembro 2023.

SOELTL, S.B; FERNANDES, I.C; CAMILLO, S.O. Conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sci**. 2021;46:e021206. Disponível: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360>. acesso 25 de abril 2024.

SONAGLIO, R. G; LUMERTZ J; MELO, R. C; ROCHA, C.M.F; Promoção da saúde: revisão integrativa sobre conceitos e experiências no Brasil. **J. nurs. health**. 2019;9(3):e199301.

Disponível:<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/download/11122/10133>. Acesso 15 de dezembro 2023.

SOUZA, R.A; SANTOS, J.A; SILVA, J.S; SOARES, S.A. Uma reflexão sobre as políticas de atendimento para as pessoas com transtorno do espectro autista. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 40, p.95-105, agosto 2019. Disponível <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/2811>. Acesso 15 de setembro 2023.

SOUZA, A. P. D., DE OLIVEIRA, Brenner Kassio Ferreira; ALBUQUERQUE, Firminia Hermelinda Saldanha; DA SILVA, Maxwell Arouca; ROLIM, Karla Maria Carneiro; FERNANDES, Henriqueta Ilda Verganista Martins; PINHEIRO, Mirian Calíope Dantas. Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, 3(2), 2874-2886. 2020. Disponível: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-130>. Acesso 15 de março 2024.

SOUZA JUNIOR, E. V. Lei Berenice Piana: **O direito dos autistas à educação, análise das opiniões de usuários sobre a efetividade da legislação e principais desafios**. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/236413>. Acessado em: 10 de novembro 2023

STEFFEN, Bruna Freitas; PAULA, Izabela Ferreira de; MARTINS, Vanessa Morais Ferreira; LÓPEZ, Mónica Luján. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista Saúde Multidisciplinar**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91>. Acesso em: 3 set. 2023.

VIANA, A.C.V; MARTINS, A.A.E; TENSO, I.K.V; BARBOSA, K.I; PIMENTA, M.N.R; LIMA, B.S.S . Autismo: uma revisão integrativa. **Revista Saúde Dinâmica**, vol. 2, número 3, 2020. Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga. Disponível

:<http://www.revista.faculdedinamica.com.br/index.php/sausedinamica/article/view/40> . Acesso em 25 de abril 2024

VIANA, D; SILVA, L; QUEIROZ, G; FERNANDES, B; GALÚCIO, V. Atuação do Enfermeiro com mães de crianças com transtorno do espectro autista: Uma revisão integrativa. **Revista CPAQV**, V.13, N.02, P.5-11, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.36692/v13n2-11R>. Acesso 12 dez. 2023.

VIEIRA, A.C.. **Autismo: as características e a importância do diagnóstico precoce**. 2019. 18 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina) – Centro Universitário UNIFACIG. Manhuaçu. Disponível <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositorioctcc/article/download/1811/1425/6826>. Acesso 12 dez. 2023.

ZEIDAN, J; FOMBONNE, J.; IBRAHIM, A.; DURKIN, M.; SAXENA, S.; YUSUF, A.; SHIH, A.; ELSABBAGH, M. Prevalência global do autismo: uma atualização de revisão sistemática. **Autismo Res.** .2022 maio;15(5):778-790. Epub 2022, 3 de março. PMID:35238171doi: 10.1002/aur.2696. Disponível: <https://doi.org/10.1002/aur.2696>. Acesso 23 fev. 2024.